

## AS PROSTITUTAS: ENTRE A HISTÓRIA E OS FABLIAUX

### *THE PROSTITUTES: BETWEEN HISTORY AND THE FABLIAUX*

Elisangela Marcos Sedlmaier<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste estudo buscamos pensar em um aspecto da Idade Média, a prostituta ou a prostituição e seu entorno, a partir da interseção da história com a literatura. A história antiga nos deixa lacunas, no entanto isso não quer dizer que a literatura abarca os vazios, mas sim que podemos pensar em elementos constantes nas narrativas como forma de apreender alguns aspectos sociais. Primeiro traremos alguns aspectos históricos da prostituta/prostituição a partir de autores como: Roberts (1998), Murphy (1994), Rossiaud (1991), etc. Posteriormente, adentraremos em um gênero literário típico dos séculos XII a XIV, o fabliau/fableou. Buscaremos compreender os fabliaux a partir de teóricos como: Bedier (1969), Baumgartner (1988), Alexandrian (1993), etc. A análise acontecerá a partir das obras Auberée, Une Seule Fame qui son com servoit cente chevaliers, ambos de autoria anônima e Du Preste et D'Alison de autoria de Guillaume le Normand, obras que abarcam a prostituta ou aspectos que remetem ao mundo da prostituição. Assim buscaremos estas interseções, não como prova cabal histórica, mas como elementos cotidianos que inspiram a ficção, o lúdico, sendo perpassados ou não pela moralidade da época, mas que afluía o que seria o risível, o erótico e, por vezes, o inadequado.

**Palavras-chave:** Idade Média; Prostituição; Fabliaux.

**Abstract:** *In this study we seek to think about an aspect of the Middle Ages, the prostitute or prostitution and its surroundings, from the intersection of history and literature. Ancient history leaves us with gaps, however this does not mean that literature covers the gaps, but rather that we can think of constant elements in the narratives as a way of apprehending some social aspects. First we will bring some historical aspects of the prostitute/prostitution from authors such as: Roberts (1998), Murphy (1994), Rossiaud (1991), etc. Later, we will enter a literary genre typical of the twelfth to fourteenth centuries, the fabliau/fableou. We will seek to understand the fabliaux based on theorists such as: Bedier (1969), Baumgartner (1988), Alexandrian (1993), etc. The analysis will take place from the works Auberée, Une Seule Fame qui son com servoit cente chevaliers, both by anonymous authorship and Du Preste et D'Alison by Guillaume le Normand, works that cover the prostitute or aspects that refer to the world of prostitution. Thus, we will look for these intersections, not as historical proof, but as everyday elements that inspire fiction, the ludic, being pervaded or not by the morality of the time, but which surfaced what would be the laughable, the erotic and sometimes the inappropriate.*

**Keywords:** *Middle Ages; Prostitution; Fabliaux.*

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: elisangela.sedlmaier@hotmail.com.

## O imaginário Medieval

Pensar a prostituição, nos dias atuais, remete-nos a uma série de questões; desde as sociais, econômicas, morais, além de muitas outras que se desdobram a partir desse extenso universo.

No entanto, não pensaremos na prostituição nos dias de hoje, que ganham as ruas, as redes sociais, as festas, mas sim, na prostituição desenvolvida no medievo, a partir de fontes históricas e das literárias, os *fabliaux*, que muito podem trazer e dizer de um tempo e de uma sociedade tão longínqua.

Faremos uma breve digressão sobre a prostituição, pois é necessário pensarmos, antes de qualquer coisa, o que sabemos ou acreditamos saber sobre a Idade Média.

Podemos afirmar que existe um imaginário coletivo sobre a Idade Média, que os mil séculos são diminutos apenas em pestes, tragédias, guerras, mortes e todo tipo de violência, deixando a história cheia de lacunas, e ainda mais, não compartilhando todas as benesses evolutivas apresentadas neste período longo.

Uma das referências nos estudos da Idade Média, a historiadora Regina Pernoud (1909-1998), descreve um pouco sobre o imaginário medieval construído a partir da própria história, dizemos aqui sobre a história educacional, que adentra a vida de milhões de adolescentes e jovens que por tantas e tantas vezes aprendem uma história entrecortada, lacunar, que pouco esclarece sobre o que foi a Idade Média.

Pernoud (1997), descreve estas situações vividas em salas de aula, vejamos:

A professora: \_ Como se chamavam os camponeses na Idade Média?

A classe (em coro): \_ Chamavam-se servos.

A professora: \_ E que é que eles faziam? Que é que eles tinham?

A classe: \_ Tinham doenças

A professora: \_ Que doenças, Jérôme?

Jérôme (grave). \_ A peste.

\_E mais, Emmanuel?

Emmanuel (entusiasta): \_ A cólera.

\_Vocês sabem muito bem a lição de História, conclui placidamente a professora. Passemos à Geografia... (PERNOUD, 1997, p.6)

A autora ainda citou outros momentos em outro grupo escolar, e como se desdenha ou se desdenhou esse período, trazendo um discurso puramente pejorativo e sangrento, aguçando-nos a um possível “apocalipse”.

No entanto, a história vem tentando, a passos lentos, mudar este imaginário coletivo construído apenas sobre um ponto de vista, desconsiderando todos os movimentos feitos, e que muitos deles nos abriram portas e nos beneficiam atualmente.

Um dos fatores que tem ajudado no processo de expansão histórica encontra-se ligado as inúmeras possibilidades de turismo. A autora descreve a França como uma grande vitrine a céu aberto e sua busca pelo resgate das obras, através das propagandas, das redes sociais, que vem “ofertar” novas configurações de conhecimento, de caminhar por muitos lugares históricos, e para além disso, ressaltar que a história tem muito mais a dizer que apenas as guerras, sangue e todo corolário que circunda este imaginário.

Outro historiador, Franklin de Oliveira (1992), também abarcou a importância de compreender que se chegamos ao mundo moderno esse nasceu a partir dos “atores” e sociedades que foram (re)criando-se nos solos do medievo.

Um dos fatores que podem nos ajudar a pensar em novas possibilidades que se afastam do imaginário coletivo, de apenas tragédias, é a intersecção da história com a literatura.

### **História e Literatura**

De forma muito simplista, podemos pensar a história como fatos notáveis, ou nem tanto, que foram descritos de acordo com um período, um local ou uma sociedade; já a literatura, a primeira impressão que temos é a de construção de histórias, ficção, fabulação, uma área livre para a imaginação.

As suposições descritas acima não se sustentam por si só, o próprio Aristóteles, em *A poética* (1990), já descreveu a problemática da diferenciação do discurso literário e do discurso historiográfico, no entanto ele delimita os dois campos, o histórico como a narrativa do acontecido e a poesia como a invenção da verdade, a possibilidade do fingimento ou a ilusão da realidade. Já Certeau (1982) pensa a história e a literatura compartilhando um discurso, e que este discurso abarca sempre uma dimensão moral.

Outro teórico que pensa a construção do discurso é White (1992), que descreve que a história para ser construída necessita de um discurso, e para a construção dele necessitamos de uma memória coletiva dos fatos ocorridos, assim o autor sustenta a necessidade do uso da imaginação para a representação dos discursos históricos, apresentando os sucessos ou infortúnios de determinadas sociedades, e ele ainda ressalta que para além da imaginação vamos deparar-nos com a concepção ideológica do autor.

Percebemos que a seara de delimitação da literatura e da história suscita inúmeros estudos e discussões, no entanto pensar esta distinção não é nosso objetivo. Trouxemos estas reflexões, pois vamos valer-nos dos dois conjuntos como suportes teóricos para escrita do estudo, tentando manter-nos caminhando entre a linha tênue que os separa, buscando interpretar os textos ora trazendo uma conotação mais histórica ora a sua conotação literária, buscando aspectos históricos perpassados nos artefatos literários.

### **As prostitutas no medievo**

Pensar a prostituição é pensar de certa forma a história da mulher e seu lugar na sociedade no decorrer do tempo. As primeiras notícias que temos sobre a prostituição remete-nos aos períodos pré-históricos ou como disse Roberts (1998) o período pré-patriarcal, no qual a mulher é considerada a detentora da vida. O período relacionado ainda abarca um sistema matriarcal, no qual encontramos a mulher em uma posição de igualdade com o homem, local que vemos a natureza e a fertilidade como grandes norteadores sociais.

A estudiosa Qualls-Corbet (2014) descreveu sobre a religiosidade do período ligada a natureza e a fertilidade como mencionado anteriormente. Encontramos, neste momento, a prostituta considerada sagrada, pois a sexualidade e a religião encontravam-se intrínsecas, e as prostitutas sagradas eram as grandes sacerdotisas, as representantes da deusa, ou das deusas, no solo terreno, pois nesse período as entidades maiores ou as deusas eram ligadas ao sexo feminino, a feminilidade.

A representação da prostituta sagrada via-se diretamente ligada as celebrações religiosas, e um dos aspectos, quiçá o mais importante, relacionava-se ao ato sexual, que acontecia como forma de agradecimento pela produtividade terrena e a fertilidade humana.

Caminhando alguns milênios, adentramos as primeiras notícias “escritas” sobre a prostituição sagrada datadas de 2.000 a.C. Elas nos remetem à cidade da Babilônia, e apresenta-nos as prostitutas sagradas, as sacerdotisas, divididas em classes, entre elas: as entu, classe mais elevada ligada ao templo, as naditu ligadas ao comércio, as ishtaritu que se dedicavam exclusivamente ao templo e a deusa Ishtar, entre outras categorias.

Devemos lembrar que o sexo é visto como algo direcionado ao sagrado, como indica o fragmento:

O sexo era uma espécie de contrapartida para a criação divina; o simbolismo religioso enfatizava esse fato em todos os níveis de expressão: tanto nos personagens esculpidos nas paredes dos templos como nas posições e atitudes das garotas que ocupavam seu interior. (MURPHY, 1994, p. 124)

O sexo como dito era fonte de vida e libertação e, se a prática sexual ocorresse nos templos com as prostitutas sagradas a possibilidade de conseguir uma remissão ou expurgo dos pecados era possível.

Saindo do formato citado, período pré-patriarcal, para o período patriarcal vamos encontrar uma nova organização social, no qual a mulher é destituída do lugar de igualdade para o lugar da fragilidade, do privado, sendo tolhida sua voz e toda participação política e de governança.

Neste momento existe a divisão entre as mulheres, sendo as “respeitáveis” e as “outras”, ou como nomeia Roberts (1998), existe a boa-menina, mulheres que acolhiam todas as instruções dos homens, e a má-menina ou menina má, na qual encontramos as prostitutas e as mulheres que por algum motivo não aceitavam ou criavam embates com os mandos masculinos.

Com a entrada das leis judaico/cristã o sexo toma somente a função para a procriação, pelo menos nos discursos religiosos, e a mulher é vista como a raiz de todo mal, ideia que aparece respaldada pelo mito de Eva, assim o estigma das filhas de Eva começa a ganhar corpo, reverberando até os dias atuais, claro que cada época com suas próprias especificidades.

Pensando no decorrer do tempo, as prostitutas passaram por altos e baixos, ora posicionadas com mais prestígio, ora sendo manipuladas pelos governantes, com o propósito de conseguir dinheiro para o financiamento de guerras e grandes obras, um grande usurpador desse dinheiro foi Solón, também conhecido como o “pai da democracia ateniense”. O grego muito se beneficiou dos bordéis estatais, em compensação as prostitutas foram exploradas e viviam em situações deploráveis.

Seguindo o caminhar do tempo, encontramos o estudo de Rossiaud (1991) com o livro *As prostitutas na Idade Média*, que descreve a história da prostituição a partir das margens do rio Ródano, que nasce na Suíça, atravessa grande parte da França e desagua no mar Mediterrâneo. O historiador busca esta rota, pois devido ao grande comércio e grandes cidades estarem às margens do rio, as articulações vividas pelos sujeitos nativos e estrangeiros perpassaram o ambiente, possibilitando-nos aprofundar as relações mercadológicas do corpo, no caso a prostituição.

Um dos dizeres recorrente do livro para o período do medievo era a nomeação da prostituta como a “protetora social” ou necessidade de utilidade pública, pois ela “conseguiu” de alguma forma manter a “aparente” ordem e paz nas cidades.

No entanto, devemos ampliar um pouco este pensamento, pois se a prostituta é demarcada como uma “protetora” podemos então pensar que os homens não conseguiam “controlar seus instintos”, o que de fato ocorreu, pois mesmo com os bordéis, as prostitutas, às violências sexuais eram constantes, geralmente praticadas por grupos de jovens, que como diziam os magistrados da época, precisavam dar vazão aos seus “instintos pulsionais” ou “impulsos da natureza”, esta desculpa era utilizada para acobertar as barbáries praticadas por estes sujeitos “que não conseguiam controlar seus instintos” (sic).

Grande parte desta (des)responsabilização é acobertada pela igreja, que condena a mulher, colocando-a como a raiz de todos os males, e favorecendo o gênero masculino, colocando o amor venal não como um pecado, desde que estes fiéis, usuários da venalidade, provessem grandes ofertas destinadas às igrejas.

Sabemos que outros fatores também interferiram nesse período do medievo, mas nos detivemos apenas nestes aspectos que se relacionam as prostitutas e seu lugar na sociedade, com o intuito de pensar na intersecção com a literatura da época, que vamos observar a partir dos *fabliaux*.

### **Os *fabliaux***

O mais antigo *fabliau* que se tem notícia remete a 1159, de nome *Richeut*, e o texto figurava em contar a história de uma prostituta. O gênero medieval *fabliau* surgiu na França no século XII e se manteve até o começo do século XIV.

Mesmo depois de tantos estudos o significado do termo *fabliau* suscita uma série de perguntas e nenhum consenso entre os filólogos, pois há a questão de se pensar anacronicamente. A partir das derivações do termo uns creditam vir de fábula, outros pensam em uma espécie de poema modificado.

No entanto, os *fabliaux* não suscitaram e/ou suscitam somente este desencontro entre os teóricos. O grande estudioso do gênero Joseph Bedier (1969) coloca que um dos aspectos dos *fabliaux* é fazer rir; já Jodogne (1975) o interpela descrevendo que esta definição é muito simplista e que não abarca a totalidade dos *fabliaux*.

Embora muitos outros teóricos tenham levantado ainda outras discordâncias, não nos deteremos nesta discussão, e sim, abarcaremos algumas características que costumam ter certa

unanimidade, entre elas: são escritos em octossílabos com rimas planas, devem ser breves e de preferência se concentrar em um núcleo apenas e sempre primando por personagens humanos que suscitam uma concreta realidade, e em muitos casos, aproximadamente um terço dos *fabliaux* segundo Baumgartner (1988) trazem um epílogo ou prólogo que busca apresentar uma moralidade, que muitas vezes foge completamente do tema da obra.

Encontramos o gênero<sup>2</sup> *fabliau* no livro *A história da Literatura Erótica* de Alexandrian (1993), no qual são abordadas diversas temáticas como: o clero, as mulheres, o adultério, que um dos autores tenta provar a necessidade do adultérios, e por vezes, a possibilidade de ser desculpável, temos também os temas fálicos, que abarcam os seis volumes de *Montaignon* que descreve os *fabliaux* “de uma indecência inaudita, [...] como *O debate da cona e do cu*, *O Dit das conas*, *De putas e fornicários*, *Do fodedor[...]*, etc” (ALEXANDRIAN, 1993, p. 37).

O autor continua trazendo outros tantos exemplos, e expõe sobre a brutalidade dos *fabliaux*, sendo uma demonstração e convergência com os diversos pontos da violência instaurada na sociedade medieval.

Embora ocorra uma discordância sobre o público dos *fabliaux*, podemos pensar que pela quantidade de temas e situações o gênero não se inclinou apenas a um tipo de público, mas transitava por todos os espaços e todos os públicos, burgueses, nobres, castelãs, cavaleiros etc.

Muitos dos *fabliaux* serviram de inspiração para o teatro cômico medieval, com suas devidas ponderações, o que também estimulou o seu conhecimento em todas as partes e divisões sociais, pois além de serem recitados nas altas cortes, nos albergues e encruzilhadas, com o teatro as apresentações se instauravam nas festas municipais, nos jograis dos castelos e pelas cidades com os estudantes universitários.

A partir daqui, já podemos desmistificar aquela primeira ideia de que a Idade Média foi somente um período de pestes, pragas e repressões. De acordo com Alexandrian (1993) a noção de luxúria<sup>3</sup> se institui na Idade Média. Não podemos negar os valores repressores e obscuros do período, mas também não podemos soterrar, que mesmo sofrendo inúmeras investidas por uma parte da igreja contra as luxúrias da época, a literatura e a arte deram vazão a estes sentimentos da carne, e principalmente os *fabliaux* que apresentavam ideias contrárias a igreja e a nobreza.

---

<sup>2</sup> Como não é o intuito do trabalho a discussão de gênero ou subgênero, como forma de nos referir ao *fabliaux*, iremos intitulá-lo como gênero.

<sup>3</sup> De acordo com o dicionário digital *Dicio* - <https://www.dicio.com.br>, a palavra luxúria está relacionada aos prazeres carnis; comportamento desmedido em relação aos prazeres sexuais; lascívia. [...] Segundo os católicos, constitui um dos sete pecados capitais.

Um dos temas recorrentes dos *fabliaux* eram as prostitutas ou prostituição e todo o universo que as circundavam. Encontrar o gênero em língua portuguesa não é tarefa das mais fáceis, embora encontremos alguns trabalhos que discorrem sobre os *fabliaux*, mas esses preocupam-se mais no seu caráter erótico ou como a mulher é abordada nas obras.

A professora Marta Pragana Dantas (2013) apresenta um trabalho que une exatamente as duas temáticas, a questão do erótico no gênero e a representação da mulher nas obras, abordando a polarização dessa mulher, ora trazida como inocente ora como a insaciável.

A temática do nosso estudo abarca a mulher, mas em outra vertente, em sua condição de trabalho e todo entorno, isto é, a mulher como prostituta ou o meio que a perpassa, considerando também outros personagens que figuram nestes ambientes, entre eles os cafetões as cafetinas, os clientes etc.

Assim, o primeiro *fabliaux* que vamos abordar não abarca a prostituta, mas uma figura bastante recorrente na literatura de maneira geral, a cafetina, que por dinheiro consegue enganar, trapacear e se precisar seguir todo o corolário para conseguir o que almeja, ou melhor, o que foi paga para angariar.

A obra é intitulada *Auberée*, de autor anônimo ou desconhecido, como outros tantos, assim, como dito, aborda a história de uma mulher, “costureira nas horas vagas”, que foi contratada por um jovem burguês, que estava perdidamente apaixonada por uma moça de origem pobre, e por esse motivo seu pai foi contra o casamento e ameaçou deserdá-lo se ele avançasse com a ideia. Diante desse infortúnio a moça, sem esperanças, casa-se com um rico viúvo. Assim, o jovem rico, triste de amor pela moça contrata a “velha costureira” para ajudá-la a ter a amada, mesmo que por pouco tempo. A alcoviteira pede-lhe o jaleco que estava usando e fala que vai conseguir o feito.

Assim a velha *Auberée* vai visitar a moça em sua nova e luxuosa casa e consegue chegar até os seus aposentos, e esconde debaixo dos cobertores o jaleco do jovem apaixonado, mas tem o cuidado de colocar agulha e linha no bolso.

Quando o esposo da moça vai deitar-se encontra o jaleco e com um ataque de fúria, achando que sua esposa o está traindo, coloca a menina para fora de casa. Neste momento a moça totalmente confusa e sem entender a situação é abordada por Dona *Auberée* que a leva para a sua casa, e para surpresa da jovem na casa da “costureira” está a sua espera o jovem apaixonado.

Eles passaram juntos a noite e o dia seguinte no mais profundo amor, após este período *Auberée*, leva a moça para o convento de San Cornélio e a coloca em frente ao altar rodeada de



velas e a proíbe de sair dali. A velha vai até o marido da moça e descreve que encontrou a jovem orando em um convento próximo.

O homem segue até lá e constatando o fato resolve levar novamente a moça para sua casa. No entanto, a história do jaleco ainda o consumia, e mais uma vez a velha *Auberée* já estava com tudo planejado. Vai até ao encontro do marido da moça, e com ar de tristeza e desolamento conta para o homem que perdeu um jaleco de um cliente que ela deveria arrumar, e o cliente está exigindo que ela pague pelo jaleco perdido.

Quando o homem, o marido, comprova que o jaleco é o mesmo que estava em sua cama, e que foi esquecido pela velha, fica convencido da inocência de sua esposa, e a velha astuta *Alberée* sai vitoriosa e com suas 40 libras.

Notamos neste *fabliaux* a mentira, a trapaça, o engano, mas também a sedução, que de acordo com Nykrog (1973) é uma das subcategorias dos *fabliuax*. O autor pensa a sedução na condição de seduzir uma mulher casada e ao final tudo sair muito bem, no entanto, podemos pensar no maior jogo de sedução que encontramos na obra, a completa trama de *Auberée*.

De acordo com o dicionário on-line seduzir é um conjunto de qualidade que desperta simpatia, interesse, desejo, mas também pode ser o processo de persuadir ou perverter, qualidades latentes no jogo profissional da prostituta e dos personagens que integram este mundo da prostituição, no caso a personagem que a partir de sua astúcia e sedução conseguiu romper as barreiras da moralidade, através do engano e da mentira.

Aqui, podemos retomar o teor histórico da prostituição, isso não quer dizer que os *fabliaux* sejam exemplares históricos e nem é nossa intenção adentrar nesta discussão ou tentar comprová-los, mas pensar que abordam traços de uma sociedade, traços de um cotidiano, de acordo com Rivair Macedo (2004), trazer este cotidiano para obra seria uma estratégia para dar credibilidade para narrativa, buscar o real para desenvolver o ficcional, mas também para instigar a imaginação do público, no entanto o autor também relata que isso não era premissa de todas as obras. Se como dizem alguns teóricos, o gênero era para fazer rir, esta história de alguma forma parecia engraçada para aquela sociedade, outro fator a ser pensado é abarcar o lugar da mulher promíscua, mentirosa, que está na obra, mas também na história, como podemos observar no fragmento:

Assim, a prostituição é ordenada pelo bem comum: necessidade social; nenhuma necessidade de fomentar o mal, pois as mulheres são, sabe-se muito bem, fornicadoras, luxuriosas, insaciáveis por natureza. Elas se vendem ou se oferecem; mesmo forçadas, devem ser consideradas culpadas; vítimas do rapto ou do estupro) São Tomás e depois Jacques de Vitry o assinalavam), elas

se inclinavam à devassidão e são ainda pecadoras quando tem orgulho da sua beleza. (ROSSIAUD, 1991, p.79)

Notamos total descredenciamento da mulher nesta sociedade. O julgo já recaía sobre ela antes mesmo de cometer o pecado, assim notamos que o escárnio imputado à mulher ou às prostitutas nos *fabliaux* podem ser pequenas amostras sociais, assim como os temas do adultério e do clero sempre recorrentes nos textos.

Outro *fabliau* que vamos abordar é o *Une Seule Fame qui a son con servoit cent chevaliers de tous poins* que podemos traduzir como *Uma única mulher que com sua cona serviu a cem cavaleiros de todas as partes*, de autor autônomo, provavelmente do século XIII, e conta a história que em um castelo isolado, viviam cem cavaleiros, que lutavam contra os sarracenos; e eles eram cuidados por duas mulheres, duas prostitutas, tanto física como sexualmente, como resume no trecho inicial “*En un chastel sor mer estoient/ cent chevalier, qui la mannoient/ pour aus et le païs desfendre/ par que nuns les pouist prendre [...]*”

Por acontecer muitas brigas os homens são divididos em grupos de 50 para cada mulher, no entanto uma das mulheres, com ciúme do sucesso da outra, atrai um dos cavaleiros que não pertenciam ao seu grupo e tenta induzi-lo a matar sua rival.

Depois, com o descobrimento do crime, ela confessa a premeditação e declara que pode cuidar muito bem sozinha dos cem homens; e assim foi feito, ela cuidou tão bem dos cem homens que nenhum deles nunca mais teve motivos para reclamar.

Na obra não é o mundo da prostituição que é abarcado, mas sim o ofício das duas mulheres, e posteriormente apenas de uma.

O exagero também é uma das características de alguns *fabliaux*, assim como o obsceno, ferindo a dita normalidade e moralidade social da monogamia, da união do homem e da mulher e do sexo somente para procriação.

O que dissemos anteriormente de as obras buscarem uma realidade, um cotidiano, aqui podemos reafirmar sob uma nova ótica, mais apurada, pelo menos aparentemente, o que podemos pensar é que os *fabliaux* geralmente começam contando algo verossímil, para fazer o público embarcar no “jogo”, conseguindo o feito a ficção é instaurada, o lúdico é trazido a pauta, o exagero, o erótico, o escatológico, o burlesco, etc.

Aqui podemos retomar também a condição da mulher ou da prostituta, como a mulher insaciável, a devassidão quase como vício, a inveja, pensando que na narrativa os cinquenta homens para ela não eram suficientes, ela só ficou satisfeita quando conseguiu os cem soldados. O *fabliau* começa como uma história real, passando imediatamente para o imaginário, para

ficção, trazendo o risível, que geralmente vem através do inadequado, mas também da imoralidade da mulher, da prostituta.

Na próxima obra, a prostituta é uma personagem secundária, e quem é o alvo e personagem principal é o padre. *O fabliau Du Prestre et D'Alison* de Guillaume le Normand, escrito no século XIII, que conta a história de um padre, muito rico, que fica completamente seduzido pela filha de uma mulher burguesa que tem um comércio em sua casa, vendendo verduras, chapéus etc., como vemos no fragmento “*Maintes foiz avoit vendu auz a sa fenestre et oignons/ Et chapeax bien ouvrez de jons/ Qui n'estoient pas de marès*” (FABLIUX III, 2003, p. 343).

O padre faz uma oferta alta em dinheiro para mulher, com intuito de passar uma noite com a sua filha, de nome *Marion*, de doze anos e que ainda é virgem. A mulher, escandalizada, decide enganar e punir o padre, fingindo aceitar a sua oferta. No entanto, para o dia programado a menina estará à espera do padre, mas na hora certa será trocada pela prostituta de nome Alison.

A “nova” donzela esperava o padre, e aguentou diversos ataques, todos com suspiros de noviça, até ouvir a voz de *Hercelot*, funcionário de *D. Mahaut*, mãe da jovem virgem, que queria dar uma lição no padre, e convidou alguns cidadãos da cidade para ver o que o padre estava fazendo.

Quando o padre compreende a situação e o erro, ou a troca, tenta pegar sua roupa para fugir, no entanto não consegue e sai correndo nu pelas ruas, sofrendo os golpes e protestos da população.

Na obra descrita acima dois assuntos constantes entre mais ou menos os 150 *fabliaux* catalogados. Esta quantidade não é unanimidade entre os teóricos, como quase tudo que diz respeito ao gênero. Philippe Menard (1983) descreve a quantidade que alguns teóricos aceitam entrar no rol dos *fabliaux*, Kiesov selecionou 124, Diekmann 154, Boongard 127, o próprio Menard 130, mas o livro documental mais importante que abarca todos as obras classificou 152 *fabliaux*.

Nas obras muitas são as menções aos padres e as prostitutas, nesta história o padre, caindo em tentação, sofre as consequências de imediato, apanhando e sendo julgado diretamente pelos seus fiéis.

A prostituta entra como a salvadora, já que estava no lugar da menina virgem, e mais uma vez a ficção encontra a realidade. A prostituta como descrevemos anteriormente é abordada como utilidade pública, como mantenedora da aparente paz e ordem das cidades, assegurando a satisfação dos impulsos sexuais masculinos, mesmo que neste caso fosse a partir do engano, do blefe, da farsa.

Aqui, a prostituta não sofre o preconceito, a violência social, quem veste as mazelas é o padre, que neste momento o celibato já estava institucionalizado, mas o padre, como notamos, não o praticava, ainda usou do dinheiro da igreja para pagar pela “virgindade” da menina.

Existe ainda um outro *fabliau*, que não vamos analisá-lo neste estudo, só traze-lo como mais um exemplo das temáticas do clero e das prostitutas. A obra *Les putains el les lecheors*, que podemos traduzir por *As prostitutas e os luxuriosos*, que conta a história que deus foi dividindo o mundo, para os cavaleiros deu toda a terra, para o clero as esmolas e dízimos, para os camponeses a lavoura etc. Após a total divisão São Pedro o alerta que dois grupos ficaram sem nada, os luxuriosos e as prostitutas. Sem saber o que fazer, deus coloca as prostitutas para serem cuidadas pelo clero, e o outros pela nobreza. A nobreza faz total pouco caso dos seus designados, por isso eles são considerados malditos, já o clero cuidou tão bem das prostitutas, que compartilharam a “cama”, as “toalhas” atendendo ao pedido celestial, e assim foram abençoados.

Que os dois personagens costumam encontrar-se nas obras, são pensados por vezes pelo mesmo viés, mas a cada encontro em situações distintas, ora um ora outro leva a melhor, ou como vimos no último os dois caíram na “graça de deus”, pelo menos no *fabliau*.

Vimos que o gênero abarca uma riqueza de histórias e personagens, fixamo-nos na prostituta e no seu entorno. Percebemos que ao caminhar pelo gênero *fabliau* encontramos o cômico e o familiar, o imaginário e o cotidiano, histórias que se ajustam à sociedade local, buscando a partir de personagens que de alguma forma figuram na sociedade, mas que trazem um certo incômodo moral, como o padre que não aceitava o celibato, o homem ou a mulher adúltera, a prostituta que por si carrega o paradoxo do bem e do mal.

Assim, percorremos apenas algumas obras, e verificamos alguns tipos de abordagem, que ora causa o riso, o estranhamento, o exagero, que de alguma forma capta nossa atenção e leva-nos ao lugar de público interessado, acompanhando os passos, as glórias ou fracassos de cada personagem, perpassado ora pelo lúdico ou pelo real da literatura.

### **Considerações Finais**

Caminhar por entre a história e a literatura é buscar novos olhares ou os mesmos, mas por outros ângulos. A história busca a verdade, mesmo que enviesada por ideologias, a literatura busca o lúdico, a ficção, a imaginação, mas que ecoa a partir dos fatos diários, cotidianos.

Nossa intenção não era mostrar os *fabliaux* como componentes históricos, mas sim, pensar que nas obras existem traços históricos, alguns aspectos que caminham junto com a história, e podem fornecer-nos outros elementos para o entendimento da obra.

Percorremos alguns possíveis caminhos da prostituição e seu entorno, primeiro com a cafetina/alcoviteira, a enganadora, a expressão da “filha de Eva”, leia-se a pecadora; já a segunda abarca a devassidão, a lascívia, a promiscuidade, a insaciabilidade, formas pejorativas que eram dirigidas às mulheres no medievo, como vimos anteriormente, e para finalizar a prostituta como salvadora, como protetora social, posta para aplacar os desejos masculinos, assim como nos descreve a história.

Buscamos assim elementos da realidade, mas modificado pela ficção, a partir das diversas nuances, trazendo o riso como pano de fundo, já que uma das funções dos *fabliaux* é proporcionar o riso, unir o real com o imaginário, por vezes imbuídas de uma moralidade, mas podendo pensar também nas hipóteses da intencionalidade com as histórias estruturantes, ou ainda, saber que a literatura surge da cultura a qual ela pertence, deixando-nos caminhar por entre as histórias através dos fazeres poéticos.

## Referências

ALEXANDRIAN, S. *História da literatura erótica*. Trad. Ana Maria Scherer e José Laurêncio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução Eudoro de Sousa. 2. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1990. (Série Universitária. Clássicos de Filosofia).

BAUMGARTNER, E. “Le temps des automates”. In: *Le Nombre du temps. En Hommage à Paul Zumthor*. Paris: Champion, 1988.

BEDIER, *Les Fabliaux*, 6ª ed., P. 30. Paris, H. Champion, 1969. A primeira edição data de 1893.

CERTEAU, M. de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COLLART, M-F. *L'univers de la prostitution dans les fabliaux et sa représentation: le point de vue d'un genre*. Disponível em: <<http://roderic.uv.es/handle/10550/29333>>. Acesso em 10 jul. de 2020.

DANTAS, M. P. Entre ingênua e insaciável: a mulher nos *fabliaux* eróticos medievais. In: *Revista Graphos*, v.15, n.1, 30 jun. 2013.

FABLIAUX III. Introducción, traducción y notas Josefa López Alcaraz. Ed. Bilingüe. Murcia. Universidad de Murcia, 2003.

O. Jodogne, “*Le fabliau*”, p. 22. Tipologia de fontes da Idade Média Ocidental, fasc. 13, Turnhout, Brepols, 1975.

MACEDO, J. R. *O real e o imaginário nos Fabliaux medievais*. Vol.9, núm.17, julho, 2004. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil.

MÉNARD, P. *Les fabliaux: contes à rire du Moyen Âge*, Paris, Presses Universitaires de France, 1983.

MURPHY, E. *Histórias dos grandes bordéis do mundo*. Trad. Heloísa Jahn. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1994.

NYKROG, P. *Les Fabliaux*. Paris, Genève, Droz, 1973.

OLIVEIRA, F. “Breve Panorama Medieval”. In: LOYN, Henry R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

PERNOUD, R. *Luz sobre a Idade Média*. Publicações Europa América, 1997.

PERNOUD, R. *Para acabar com a Idade Média*. Tradução Maria do Carmo Santos. Editions du Seuil, 1977.

QUALLS-CORBETT, N. *A prostituta sagrada: a face eterna do feminino*. Trad. Isa F. Leal Ferreira. São Paulo: Paullus, 1990.

ROBERTS, N. *As prostitutas na história*. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.

ROSSIAUD, J. *A prostituição na Idade Média*. Trad. Claudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

WHITE, H. *Metahistória: a imaginação histórica da Europa do século XIX*. São Paulo, Edusp, 1992.

**Submetido em:** 23.01.2023

**Aceito para publicação em:** 22.02.2023